

Luto, cansaços e dores



Luto, cansaços e dores
Mahana Cassiavilani



LUTO

- 9 Luto
- 11 O voo das borboletas
- 13 Confissão ou O voo das borboletas mais uma vez
- 15 Enquanto meu pai morria

CANSAÇOS

- 19 Sem acento
- 22 Queijos
- 24 Filhos do Vento
- 27 Mãe que cria
- 31 Feminismo branco de apartamento
- 34 Dicionário de RHês
- 37 Silssia
- 42 Princípios
- 45 Medicina
- 48 Até mesmo as pobres bitucas perdiam lugar
- 51 Meu herói
- 53 Thiago. Com TH.
- 56 Teoria do conto
- 60 A melhor idade
- 64 Um descanso

DORES

- 71 Carta a um analfabeto
- 76 Saliva, sêmen e sangue
- 78 Terra
- 79 A gorda
- 82 A casa da podridão
- 84 Amor
- 87 Indigesto
- 90 Resistência
- 95 Com sentimento
- 99 O que faz um farol
- 101 Difícil manter os olhos abertos
- 103 Sem título
- 105 Amor
- 108 Liberdade
- 110 Recusa

Luto



Luto

1.

Pedro gostava de imaginar. herdara essa característica da mãe. Imaginava que o pai fosse o dono da marcenaria onde trabalhava. Sonhava que a mãe não era louca.

Cresceu contando histórias.

Quando começou a namorar, encontrou a pessoa perfeita para acreditar em suas imaginações. Ela nunca tinha comido lasanha, muito menos ido ao cinema. Ele a ajudava mostrando-lhe o mundo. Seu mundo. Muito mais colorido do que a cinza realidade.

Casaram-se depois de seis anos de histórias. No começo, eram felizes. Mas ela era terra. Fincada no chão. Cansava-se dos dizeres que custavam dinheiro, dificultavam a vida. Impediam a compra da casa.

As filhas nasceram, e Pedro achou novas formas de inventar. Elas adoravam. Um pai mágico. Inteligente, cheio de coisas incríveis para contar.

Mas elas também eram terra e decidiram partir ficando no mesmo lugar.

Três contra um.

Pedro tentava e tentava, mas não conseguia mais viver suas histórias, morrendo de falta de imaginações.

Um dia ele não mais aguentou, encontrou uma pessoa que também era céu. Que vivia de histórias ainda mais que ele. Contavam-se causos durante toda a noite, como duas crianças vendo estrelas.

E ele se foi.

2.

Tudo muda.

As duas mulheres juntam-se a se ajudar, unidas como irmãs de vidas antigas.

Filhas esquecem as mágoas e reaproximam-se com toda a força de uma criança.

Resta apenas o amor.

3.

Pai,

A morte é o silêncio.

4.

E ele se foi

O voo das borboletas

Ela não sabia. Era implacável. Não podia perdoar o pai por não ser Deus. A mãe não. Venerava-a e temia-a como um ser do velho testamento. Mas o pai era apenas um homem. Com defeitos.

Ela não entendia. Ela não o entendia.

Era uma cegueira de filha sem saber amar. Não era capaz de enxergar.

Quando ele não a defendeu perante a mãe, ela não compreendeu que ele também era filho.

Quando ele mentiu fingindo ser outro, ela compreendeu menos ainda. Sem saber que ele precisava. Precisava ser outro.

Sabia menos ainda que ele precisava conhecê-la e não sabia como. Era uma relação de não saber.

Quando ele invadiu seu mais precioso bem, desesperado na vontade de conhecer, ela entendeu menos ainda. E o odiou. Não queria mais ser filha.

E na completa falta de desamor de sua pequena, ele também desistiu de ser pai.

Era uma luta entre dois seres estranhos, desconectados, desconhecidos, desamados. E a mãe lá, onipresente, onipotente, sabendo tudo.

Foi assim por muito tempo.

Houve um momento em que ele, querendo ser pai, disse sim, mas ela, incapaz, disse não.

Graças ao Deus que o pai não era, as coisas podiam mudar. E mudaram.

E ela enxergou. Enxergou porque não aguentava mais ser cega. Porque precisava ver. Porque precisava dizer. Pai.

Tudo começou devagar no início, como flor que não quer desabrochar. Com resistência, querendo continuar botão.

Ela relutava, depois de tanto tempo, não sabia ser filha. E ele, depois de tanto tempo, não sabia ser pai.

A vivência desse momento levou milênios. E levariam outros mais se não fosse o invasor. Agressivo, impiedoso, implacável. Um tudo que se apoderou de tudo e foi tudo. Tomou conta de tudo.

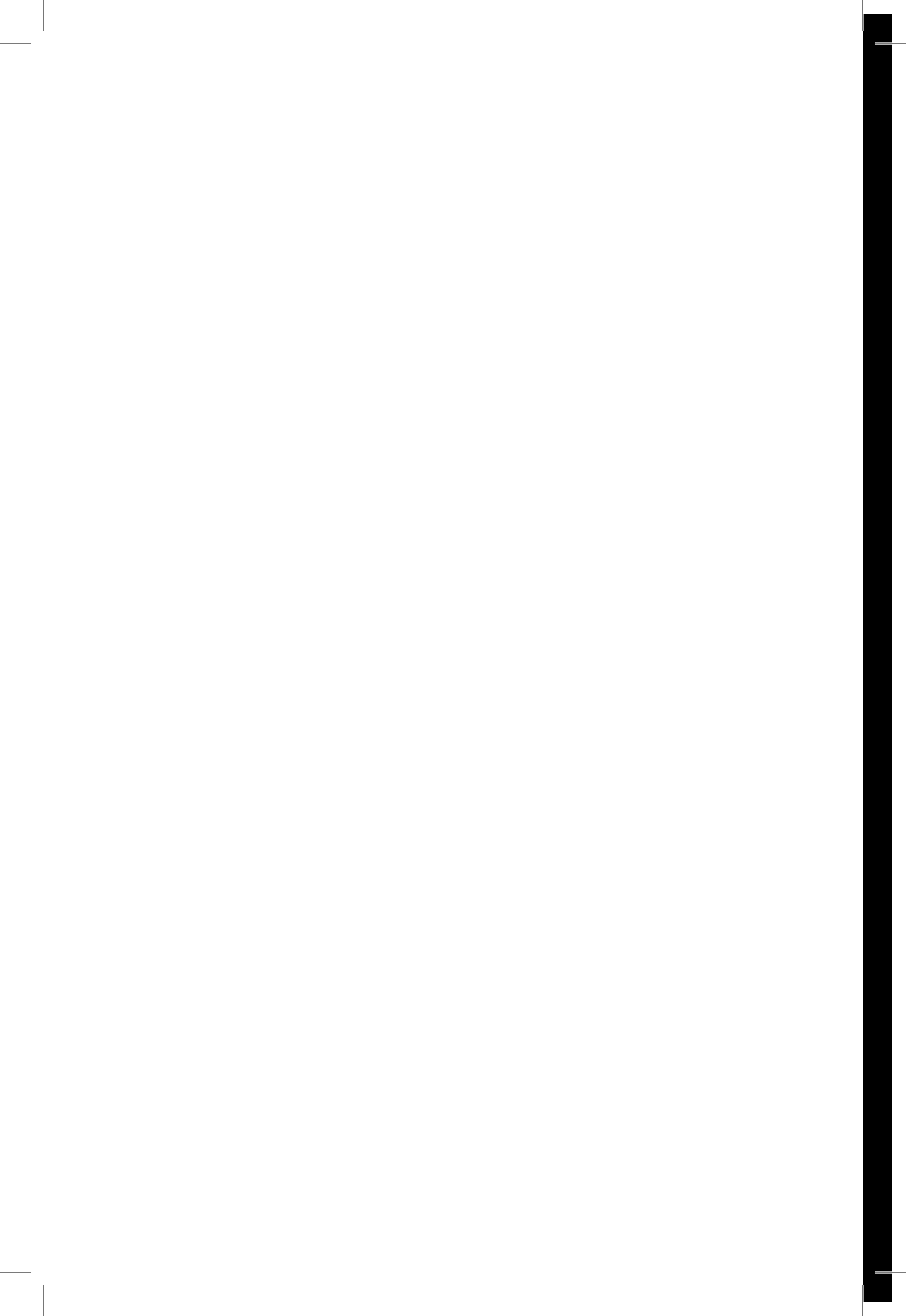
E apodreceu. E o apodreceu.

Quando ela soube ser filha, ele foi rasgado, arrancado, jogado no nada.

Para sempre o silêncio.

E foi só quando ele se foi que ela pôde ser filha e dizer.

Pai.



Cansaços



Sem acento

Livia sem acento no i se definia como nem magra nem gorda. Fazia pilates, yoga, natação e corria. Nada disso era suficiente para fazer a barriga desaparecer. Gostava de comer e gostava de beber. Via o exercício físico como algo que possibilitava que fizesse mais dessas duas coisas. Era seu único motivo para fazê-lo, dizia sem vergonha.

Sofria com a pressão da sociedade. Certa vez, tivera que ouvir de um morador de rua que apesar da barriga, ela dava um caldo. A sociedade era cruel com as nem magras nem gordas. Mas tudo bem. Porque Livia era feminista e, logo, compreendia os mecanismos de opressão imputados pela sociedade.

Tinha dificuldades para encontrar namorados. Sabia bem o que queria e não aceitava nada menos do que tudo o que merecia. Incentivava as amigas a fazer o mesmo.

Com frequência ia para a balada, às vezes beijava um ou outro rapaz. Geralmente a experiência era desagradável, mas melhor que nada. De vez em quando, sabia, era preciso ceder às necessidades do corpo. Pena que quase nunca ficava satisfeita. O mesmo ocorria com suas companheiras que, quando davam a sorte de não ouvir improperios dos mais absurdos, precisavam se contentar com homens com bafo, que babavam demais e que não sabiam usar a língua. Isso para

ficar apenas nas preliminares mais leves. Algumas das histórias de pré e pós coito trariam lágrimas aos olhos. E durante. Durante também.

Nos aplicativos, a história não era diferente. Uma autodeclarada feminista enfrenta agressões de todos os tipos. O número de homens que iniciavam uma conversa apenas para falar mal de feminismo ou contar sobre a vez que uma feminista fez isso e aquilo era altíssimo. Mais que zero, nesse caso, já seria inadmissível.

Os famosos esquerdomachos também não estavam em falta. Amor livre era sua expressão favorita. Muito conveniente, pensava Livia, mas apostava que tinham atitudes possessivas com namoradas e usavam a nova moda como desculpa para trair.

Não é que só pensasse em homens, é que de toda sua vida quase plena, esse era o tema mais delicado. Nos campos financeiro, profissional e intelectual não poderia estar melhor. Tinha muitos amigos, todos queridíssimos. Mas o campo amoroso, esse era um desastre.

Com frequência, ouvia que estava sozinha porque era incapaz de se contentar com pouco, o que seria uma grande qualidade. Concordava, achava que os homens não ofereciam às mulheres aquilo que elas merecem. Consequência da incrível e célere mudança nas disposições mentais femininas, a qual não encontrava correspondência no sexo oposto.

Também ouvia sempre que deveria tentar ser lésbica. Isso quem diziam eram suas amigas sapatatas, as quais fazem a propaganda de sua orientação sempre que possível. Livia de novo concordava, seria muito mais fácil gostar de mulher. Adorava suas amigas, mas infelizmente gostava de pau. De homens, nem tanto, mas de pau, muito. Sua sina de sofrimento não poderia chegar ao fim.

Consciente das crueldades do mundo para com as mulheres, Livia sabia que tinha amigas em muito pior situação.

Simone era uma mulher incrível. Bonita, inteligente, engraçada, politizada. Mas gorda. Muito gorda, na opinião de Livia. Não que ela ligasse ou achasse que havia algo de errado com a amiga, mas sabia, ah, como sabia, que o mundo podia ser cruel com quem não se encontra nos padrões. A própria Livia não pertencia aos padrões, afinal era feminista, mas sabia que existiam foras e foras do padrão muito diferentes. Simone, além de feminista, era gorda. Com certeza sofria muito mais.

Saíam com frequência, conversavam muito sobre tudo. Podiam ficar horas juntas e o tempo voava. Um clichê das amizades verdadeiras. Por isso mesmo, Livia sentia a dor de Simone, que não se relacionava com ninguém e nunca mencionava o assunto. Era infeliz. Livia sabia. Queria ajudar a amiga e não sabia como. Ela não se abria em relação a esse assunto. Falava com tanta facilidade sobre as mais diversas temáticas, mas nesse quesito o silêncio era total. Quase como se relacionamentos não importassem, ou pior, não existissem.

Exultou ao ouvir a primeira abertura dada pela amiga em anos de convívio. Ela dissera que pessoas gordas sofriam preconceito e por isso era mais difícil se relacionar. Era tudo o que Livia precisava ouvir. Agora poderia ajudar a amiga.

Perspicaz, se lembrou de outra pessoa na mesma situação. Henrique era gordo, muito gordo, muito mais gordo que Simone. E não tinha autoestima, não se relacionava, era como se não quisesse ninguém.

Sem demoras, Livia disse que apresentaria os dois, que achava que se dariam bem, que poderiam construir um relacionamento verdadeiro. Exultava.

Não entendeu a cara que a amiga fez, mas, naquela noite, dormiu tranquila. Tinha feito uma boa ação.

Queijos

Comer queijos parece uma coisa muito chique. Queijos têm tipos, queijos têm especialidades, queijos têm até famílias e você aí não querendo falar com o seu pai. Queijos têm nomes impronunciáveis, como Gruyère e Tête-de-Moine (qual é a do acento pro lado errado? E de quem será esse tetê?). Queijos são tão finos que até dinheiro têm no nome, como o grana padano. Pff... Se você acha pouco, saiba que fica pior. Também tem as queijarias. Queijaria é uma coisa mais fina ainda. Quer mais? Queijaria artesanal. Mais um pouco? Queijaria artesanal na Vila Madalena. E é melhor nem falar dos vinhos, que dizem que casam bem. Que bom que alguém ainda casa bem nesses dias. Eu só comi queijos uma vez na vida e fiquei cheia de perebas na barriga e na... na... né?

Em casa tem mais é queijo mesmo. Muçarela que assim também tá certo. Tá lá no VOLP, pode ver. Antigamente, queijo sem “s” era também uma coisa fina, mas agora caiu na boca do povo. E na barriga, olha só. Eu mesma prefiro que cada vez menos coisas sejam finas, chiques e conversadas por gente que diz: “Maria Eduarda trouxe um vinho divino de Paris.”

Então fico feliz que tenha queijo no rissole da festa de aniversário, que derrete no pratinho de plástico e depois endurece e a gente nunca mais consegue tirar. Mas, se eu tivesse que dizer

só uma coisa sobre o queijo, escolheria dizer que ele é pior do que espaguete. Porque espaguete não tem fim, aquele fio parece que dura pra sempre, como o queijo que comi no aniversário da minha tia, no derretido do pratinho de plástico. Peguei tudo e enfiei na boca antes que ele pudesse endurecer. Um queijo derretido é todo um só, não importa quão grande ele seja.

Sabe aquela coisa enorme que desce pela sua garganta? Estava eu sentindo aquela coisa gosmenta e gordurosa descendo devagar quando um algo fininho e áspero me incomodou. Mexi com a língua pra cá, pra lá, sem saber bem o que estava acontecendo e sentindo só o queijo lá no fundo, subindo e descendo um pouquinho, fazendo uma coceirinha lá atrás, muito embaixo da campainha. Foi então que percebi uma coisa grudada no meu queixo. Foi difícil puxar com a mão toda engordurada, mas, depois de tentar muito, peguei o danadinho.

Era um fio de cabelo. Meu cabelo sempre foi fino, por isso fiquei surpresa de ele ser tão forte. Eu puxava, e o queijo vinha. Minha mão escorregava, e o queijo ia. Sabe que até gostei da sensação? Eram umas cócegas gostosas, como quando você tá resfriado e fica tentando enfiar a mão dentro da orelha pra parar com aquilo tudo – só que bom. O vai e volta durou um bom tempo. Quando o queijo passou bem na curva da garganta, eu quase não consegui respirar, mas também foi a hora com a sensação mais diferente. Quando ele passou bem no sininho, senti o gorfo querendo chegar no queijo, mas ele não alcançou. Puxei tudo só pelo cabelo e fiquei olhando aquele amarelo enorme e ainda derretido pendurado por um fiozinho quase invisível.

Olhei, olhei e não tive dúvidas. Tirei o cabelo e enfiei o resto na boca. Ah... queijo sem “s”. Delícia.